
Apresentação

Interdisciplinaridade entre Semiótica e Psicanálise. Desenvolvimentos e reflexões¹

Paula Martins de Souza²

Um dos conhecidos gestos teóricos iniciais da Semiótica de linha francesa foi a negação da subjetividade em suas análises. Essa tomada de posição por parte de seu principal idealizador, Algirdas Julien Greimas, parece ter respondido a uma demanda da época, nos anos 1960, em que os estudos da linguagem ganhavam ares de nobreza graças à adequação de linguistas a métodos embasados em uma episteme positivista, muito popular naquele tempo. Talvez seja mais acertado dizer que esse movimento de adequação das Humanidades aos valores globais das ciências teria começado um século mais cedo, sob a pena do humanista fundador da própria corrente positivista, nomeadamente, Auguste Comte. Nos anos 1960, entretanto, essa voga era popular como nunca entre os humanistas, especialmente por conta dos esforços da escola estruturalista. A Fonologia ganhou especial destaque, pois as unidades mínimas de seu objeto eram estáveis o bastante para que as tão almejadas *leis* científicas pudessem ser estabelecidas, alçando, assim, a linguística ao estatuto de disciplina-piloto entre as Humanidades³. Some-se a essa configuração um movimento rumo à especialização, que, de acordo com Fiorin, no artigo “Linguagem e interdisciplinaridade”, se teria iniciado no séc. XVIII.

A partir do século XVIII, começa um movimento de especialização nas atividades científicas, ou seja, uma atividade de investigação gerida pelo princípio da triagem. Estabelecem-se objetos muito precisos, que não se misturam. O eclecismo constitui um grave

¹ DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.1980-4016.esse.2020.172071>.

² Pós-Doutoranda do Departamento de Linguística, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da Universidade de São Paulo (USP), SP, Brasil. Endereço para correspondência: paulamartins@usp.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6053-3197>.

³ GREIMAS, Algirdas Julien. *Sémantique structurale*. Paris: PUF, 2007 [1966]. p. 5.

erro. Os objetos são puros, são autônomos. Assim, por exemplo, Saussure estabelece que o objeto da linguística é a langue. Esse objeto não se contamina da física, da fisiologia, da psicologia etc. A língua será estudada em si mesma e por si mesma⁴. O gesto científico fundamental é dividir o objeto, para examinar seus elementos constituintes e, a partir daí, recompor o todo. Assim, a linguística começa por dividir os períodos em orações; estas, em palavras; estas, em morfemas; estes, em sílabas; estas, em fonemas. Estudam-se, exaustivamente, esses componentes para chegar à compreensão do objeto, a língua. Esse movimento de triagem chegou a seu apogeu no século XIX e atingiu dimensões alarmantes no século XX, com especializações cada vez mais restritas, mais particulares⁵.

Fiorin reconhece, em seu artigo, os ganhos promovidos pelo processo de “especialização e conseqüente disciplinarização”, o qual embasou “o extraordinário desenvolvimento científico a que se assistiu nesse período”⁶. Também reconhece, entretanto, os malefícios desse modo de fazer ciência.

A especialização não produziu só maravilhas. De um lado, é preciso considerar que o próprio desenvolvimento da ciência propõe novos problemas que não cabem nesse programa científico. De outro, ela deu lugar a uma institucionalização danosa do fazer científico, regulada também pelo princípio da triagem. Os grupos de pesquisa atuam cindidos num regime de concorrência selvagem, cada um competindo com outros. A pesquisa torna-se secreta, o que é avesso ao ideal científico da construção do conhecimento num processo de comunicação universal⁷.

Talvez movidos pelos efeitos deletérios da disciplinarização, estamos, de acordo com Fiorin, em um momento de abertura, em que “o desenvolvimento da ciência, impulsionado por essa epistemé do que foi chamado a pós-modernidade, leva os pesquisadores a começar a pensar problemas que estão situados na fronteira das disciplinas e que, durante muito tempo, foram deixados de lado.”⁸

A negação da subjetividade ocupa seu lugar na história da Semiótica, e é frutífero que seja assim. A História cumpre a função não negligenciável de registrar valores, permitindo aos sucessores refletir sobre eles em outros momentos, à sombra de outras epistemes que, afinal, sempre fazem alguma sombra. É por meio da revisitação de sucessivos registros históricos que

⁴ SAUSSURE, Ferdinand de. Curso de linguística geral. Trad. Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Edusp/Cultrix, 1969 [1916]. p. 17.

⁵ FIORIN, José Luiz. (2008) Linguagem e interdisciplinaridade. Alea, Rio de Janeiro, vol. 10, no. 1, p. 33. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-106X2008000100003&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 15 de maio de 2020.

⁶ Ibidem.

⁷ Ibidem, p. 34.

⁸ Ibidem, p. 36.

conhecemos o que foi produzido, em quais condições, bem como o que não o foi e por quais razões. Poder refletir sobre outros momentos da disciplina por meio de seus registros históricos nos permite conhecer a fonte do conhecimento em que acreditamos e pelo qual trabalhamos. Como parte desse movimento reflexivo, cabe à comunidade científica manter as postulações que alicerçam a disciplina e reavaliar aquelas que eventualmente tenham sido arquitetadas provisoriamente, para “manter de pé” o edifício, na falta de uma concepção que, por vezes, ainda estava por ser formulada. Sem essa revalidação das bases disciplinares, os postulados de origem podem ser dogmatizados.

Este número da *Estudos Semióticos*, vol. 16, n. 1, 2020, está dividido em duas partes, sendo a primeira dedicada à reavaliação da negação da subjetividade pela Semiótica. É um convite ao reexame de um problema fronteiriço, entre a Semiótica e a Psicanálise, a disciplina que mais profundamente dedicou-se ao estudo da subjetividade humana, dela extraindo o que não se vê, mas que se reconhece, que nos atrai, mas nos assusta, seja na vigília, seja nos sonhos, e que chamamos *inconsciente*. A segunda parte reserva-se à seção *Varia*, que será introduzida adiante, após a apresentação dos artigos envolvidos no primeiro segmento.

O reexame proposto na chamada de trabalhos foi conduzido de modos diferentes pelos autores que participam deste dossiê. Ainda de acordo com Fiorin, “a interdisciplinaridade supõe disciplinas que se interseccionam, que se sobrepõem, que se reorganizam, que buscam elementos noutras ciências”⁹. Como uma via de mão dupla, alguns autores buscaram elementos na Psicanálise para refinar a compreensão ou propor contribuições à Semiótica, outros alimentaram-se da Semiótica para refinar a compreensão ou propor contribuições à Psicanálise. Os artigos também podem ser divididos entre aqueles cuja contribuição central é de natureza teórica e aqueles cuja contribuição centraliza-se em desenvolvimentos metodológicos e aplicação do método. Com vistas a facilitar a consulta, eles foram organizados de acordo com essas divisões.

Os primeiros quatro artigos, então, são de natureza teórica, sendo que o primeiro, de Ivan Darrault-Harris, nutre-se de elementos da Psicanálise para um estudo da constituição da Semiótica, ao passo que os outros três, de Waldir Beividas, de Saverio Tomasella e de Tiago Ravello, tomam a via inversa: nutrem-se de elementos da Semiótica que contribuem para o desenvolvimento da teoria e da clínica psicanalíticas. Os demais artigos são de natureza metodológico-aplicada, sendo que o de minha autoria nutre-se da Psicanálise com vistas a contribuir para o desenvolvimento da análise semiótica e o de Marcus Lepesqueur nutre-se de elementos da Semiótica para alimentar a clínica psicanalítica.

⁹ *Ibidem*, p. 39.

Os parágrafos a seguir, que contêm um detalhamento da contribuição de cada artigo, visam a fornecer uma visão mais global desta reunião de estudos. Antes de passar ao comentário dos artigos, entretanto, interessa chamar a atenção a outra característica do dossiê que é bem-vinda se tivermos em vista a abertura à alteridade na pesquisa, seja ela interdisciplinar ou não. Os autores valem-se de diversas orientações, sejam semióticas, sejam psicanalíticas, enriquecendo, por meio da diversidade, o diálogo interdisciplinar, mas sem se deixar levar por um ecletismo vazio.

No artigo “Greimas et la Psychanalyse”, Ivan Darrault-Harris (Université de Limoges, França) discute o papel da Psicanálise na constituição do modelo narrativo transformacional, do conceito de isotopia e do quadro actancial nas origens do desenvolvimento da teoria semiótica de Algirdas Julien Greimas. Durante a discussão, Darrault-Harris destaca os embaraços epistemológicos com que Greimas teria tido de se haver ao se inspirar na teoria psicanalítica para nutrir seu empreendimento semiótico. O autor do artigo conclui que a “lacuna teórica” provocada pela conversão entre os níveis do percurso gerativo do sentido, que é debatida até os dias de hoje, seria fruto dessa união entre as reflexões psicanalítica e estruturalista, as quais Greimas julgava epistemologicamente incompatíveis. Darrault-Harris sugere, ainda, que o interesse de Greimas pela Fenomenologia, que ocasionou a chamada “virada fenomenológica”, teria sido suscitado pela necessidade de mitigar essa lacuna deixada na disciplina Semiótica, dada a renúncia de Greimas a bases epistêmicas da Psicanálise. Ao final do artigo, o enunciatório é brindado com um trecho de uma carta de Greimas, ilustrando o que Darrault-Harris chama de “interesse obsessivo” do mestre lituano pela obra freudiana *A interpretação dos sonhos*¹⁰.

Waldir Bevidas (USP), por sua vez, faz um balanço de sua contribuição à interface entre Semiótica e Psicanálise, desde seu doutoramento, no artigo “Psicanálise e Semiótica: Situação em 2020”, título escolhido em homenagem ao artigo lacaniano “A situação da Psicanálise e a formação do psicanalista em 1956”. A homenagem ao artigo de Jacques Lacan não é casual. Bevidas toma para si o princípio, ali defendido, de formalização dos conceitos psicanalíticos. O autor do artigo apresenta, então, a estrutura semiótica que subjazeria a três conceitos psicanalíticos: o *significante*, de Lacan, a *pulsão*, de Freud, e a *transferência*, igualmente freudiana, mas reinterpretada por Lacan sob a denominação *sujeito-suposto-saber*. Bevidas considera que o valor hegemônico do significante na teoria lacaniana deve-se às facilidades de formalização do plano da expressão. Via Hjelmslev¹¹, para quem, na esteira de Ferdinand de

¹⁰ FREUD, Sigmund. *A interpretação dos sonhos*. In: *Obras completas*. Trad. Luis Lopez-Ballesteros y de Torres. Madrid: Biblioteca Nueva, 1981. p. 343-720.

¹¹ HJELMSLEV, Louis. *Pour une sémantique structurale*. In: *Essais Linguistiques*. Paris: Les Éditions de Minuit, 1971. p. 105-121.

Saussure, o significado é igualmente formalizável, Bevidas visa a juntar os dois lados do signo na teoria psicanalítica. Propõe, pois, a relação entre o componente pulsional recalcado e o anedotário do paciente em sessões analíticas, isto é, a parte do discurso do paciente que a atenção flutuante do analista visa a neutralizar, como duas isotopias, quais sejam, nesta ordem: a *isotopia do desejo* e a *isotopia anedótica*. Essas isotopias seriam associadas por um conector isotópico, que consistiria nas formas de exteriorização do inconsciente, tais como os atos falhos, os chistes etc. No que concerne à pulsão, Bevidas propõe um *percurso gerativo da subjetividade inconsciente*, em que uma organização sintática estaria na base da evolução pulsional, aos moldes da análise semiótica das paixões¹². Esse percurso teria início no *regime pulsional*, que, uma vez denegado, resultaria em um *regime patológico*, o qual, uma vez exposto à transferência, resultaria em um *regime passional*. A transferência, por seu turno, é estudada em sua constituição modal. Partindo de uma análise da formulação lacaniana do sujeito-suposto-saber, Bevidas desdobra a sobremodalização do saber pelo crer nas quatro posições do quadrado, além de propor a saturação do método, estendendo a análise às demais modalidades. Propõe, desse modo, relações transferenciais pautadas pelo *sujeito-suposto-poder*, *sujeito-suposto-querer* e *sujeito-suposto-dever*.

Intitulado “L’être humain est l’enjeu fondamental de toute démarche sémiotique”, o artigo de Saverio Tomasella (Centre d’Études et de Recherches en Psychanalyse, França) propala uma abordagem clínica, por ele mesmo introduzida, em 2002¹³, sob a designação de *metasemiótica*, que não deve ser confundida com o conceito de mesmo nome cunhado por Louis Hjelmslev para designar uma semiótica “cujo plano do conteúdo é uma semiótica”¹⁴. A abordagem psicanalítica de Tomasella tem por inspiração o conceito de *metapsicologia*, de Sigmund Freud¹⁵, diferenciando-se do conceito do pai da psicanálise por propor um estudo semiótico do papel das instituições e dos mitos na constituição inconsciente. A proposta de Tomasella tem por base o postulado, formulado por Nicolas Abraham e Maria Torok, na esteira de Sándor Ferenczi, que diferencia dois processos psíquicos diferentes, a saber, a *introjeção* e a *inclusão*. A introjeção diz respeito a experiências assimiladas pelos sujeitos, ao passo que a inclusão refere-se a experiências que integram o psiquismo sem que o sujeito as tenha assimilado. As experiências inclusas no psiquismo, mas não introjetadas, originariam diversas formas do comércio emocional entre sujeitos,

¹² GREIMAS, Algirdas Julien & FONTANILLE, Jacques. *Sémiotique des passions*. Des états des choses aux états d’âme. Paris: Seuil, 1991.

¹³ TOMASELLA, Saverio. *Vers une psychanalyse de la marque et de ses expressions* [Thèse de doctorat]. Nice : Université de Nice – Sophia Antipolis, 2002.

¹⁴ HJELMSLEV, Louis. *Prolegômenos a uma teoria da linguagem*. São Paulo: Perspectiva. Trad. J. Teixeira Coelho Netto, 2006 [1943]. p. 121.

¹⁵ FREUD, Sigmund. *Obras completas*. Trad. Luis Lopez-Ballesteros y de Torres. Madrid: Biblioteca Nueva, 1981. p. 3132-3146.

ao que Tomasella acrescenta: “eis a razão de as capacidades representativas de um grupo social, as quais sustentam e mantêm uma mitologia, serem interrogadas a cada análise metassemiótica”. O autor do artigo, dessarte, propõe o universo do mito e da cultura como o patrimônio que encerra os segredos do inconsciente enquanto artefato social, evocando irresistivelmente o pensamento de Carl Jung no que diz respeito à relação entre os arquétipos e o inconsciente coletivo. Tomasella argumenta, ainda, que a abordagem metassemiótica asseguraria uma clínica psicanalítica ética, na medida em que a consideração de aspectos míticos e culturais próprios ao sujeito analisado respeitariam as especificidades de cada constituição subjetiva.

Em “Psicanálise e Semiótica Tensiva: Elementos para uma abordagem semiótica dos afetos”, Tiago Ravello (UFMS) propõe analisar os afetos na clínica psicanalítica lacaniana com o auxílio da Semiótica tensiva. A proposta tem por base a orientação epistemológica da Semiótica francesa, a qual compartilha com as propostas lacanianas a renúncia a explicações de natureza ontológica. A escolha da vertente tensiva da Semiótica justifica-se pela complexificação do nível mais abstrato do percurso gerativo do sentido, a qual permite analisar os afetos de modo relacional, não categorial, desde a emergência da significação. O autor declara que essa base metodológica viabilizaria a “reconstrução do modelo econômico freudiano”, exemplificando com os conceitos de condensação e de deslocamento, os quais poderiam ser submetidos a uma análise da semiótica tensiva. Condensação e deslocamento referem-se à organização das relações entre conteúdos manifestos e latentes nos sonhos¹⁶. A condensação diz respeito à acumulação de energias latentes em uma mesma figura manifesta no sonho, ao passo que o deslocamento ocorre na transferência da energia latente associada a certa figura diversa daquela manifesta no sonho. Ravello sugere, pois, que se proceda a uma análise isotópica das valências que compõem o conteúdo tímico inconsciente, isto é, as energias latentes, a fim de identificar seus movimentos, condensados ou deslocados, no nível superficial dos discursos dos pacientes em análise.

“Relações intersubjetivas em ‘extrair’, de Arnaldo Antunes”, de minha autoria (USP), é um artigo que se dedica à apresentação de mecanismos de significação que subjazem a relações intersubjetivas em textos. Com base na tese de doutoramento *O sujeito semiótico. Uma tipologia*¹⁷, o artigo procede à adequação da metodologia semiótica de linha tensiva à análise de relações intersubjetivas. As adequações propostas incidem sobre os sujeitos semióticos já semanticamente investidos, isto é, os sujeitos da enunciação e os atores,

¹⁶ Ibidem, p. 517-535.

¹⁷ SOUZA, Paula Martins de. *O sujeito semiótico. Uma tipologia*. (Tese de Doutorado em Semiótica e Linguística Geral) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016. Disponível em: <<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8139/tde-15082016-120723/pt-br.php>>. Acesso em: 18 de fevereiro de 2020.

chamados *sujeitos lato sensu*. Esses sujeitos, por sua vez, seriam divididos em dois grupos, a depender da adesão, em maior ou menor grau, a um de dois destinadores permanentes e antagônicos. De um lado, teríamos os *sujeitos introvertidos*, predominantemente manipulados pelo destinador da introversão, cujos valores são os mesmos que orientam o princípio de realidade¹⁸, de Freud. De outro lado, teríamos os *sujeitos extrovertidos*, predominantemente manipulados pelo destinador da extroversão, orientado pelos valores do princípio de prazer¹⁹. A base semiótica dessa divisão é a teoria das modalidades. Os destinadores da introversão seriam doadores das modalidades do dever e do saber, ao passo que os destinadores da extroversão doariam o querer e o poder. A depender da intensidade da manipulação, isto é, a depender da força de adesão a um destinador, em detrimento da adesão ao outro, o sujeito introvertido ou extrovertido é considerado *moderado* ou *extremo*. Além dessa distinção de tipos de sujeitos, a adequação metodológica propõe o desdobramento da análise tensiva em dois espaços tensivos, sendo que um representa o campo subjetivo e o outro, o campo objetivo. A diferença de intensidade ou extensidade entre os campos seria correlata à diferença de concepção simétrica ou assimétrica entre sujeitos do discurso, gerando diferentes efeitos de sentido intersubjetivos. As relações simétricas ocorrem entre sujeitos do enunciado ou entre sujeitos da enunciação, ao passo que as assimétricas são as relações entre sujeitos da enunciação e do enunciado. A adequação metodológica proposta é aplicada ao poema “extrair”, de Arnaldo Antunes.

De autoria de Marcus Lepsqueur (UFMG), o artigo “O imaginário como estrutura semiótica dos sintomas positivos da psicose paranoica: Uma interface entre Semiótica Cognitiva e Psicanálise” vale-se do auxílio da Semiótica cognitiva para compreender o modo singular com que os psicóticos aderem ao imaginário nos chamados *sintomas positivos*, notadamente na alucinação e no delírio, que se destacam no estabelecimento de diagnósticos porque são mais estáveis na caracterização dos quadros de psicose. O autor do artigo compreende essa adesão singular ao imaginário como a predominância de uma interpretação icônica por parte dos psicóticos, pois eles seriam capazes “de interpretar signos de sua perseguição – ou de qualquer outra convicção que se encontra na base do sistema delirante – em toda sorte de coisas banais”. Lepsqueur identifica certo embaraço teórico na definição do conceito peirciano de ícone, posto o princípio da similitude poder, em última instância, “dissipar[-se] em relações infinitas”. Na esteira de Umberto Eco, aposta na manutenção do conceito, desde que não seja hipostasiado, isto é, desde que opere “sob certas regras e parâmetros que selecionam certos aspectos em detrimento de outros”. O

¹⁸ FREUD, Sigmund. *Obras completas*. Trad. Luis Lopez-Ballesteros y de Torres. Madrid: Biblioteca Nueva, 1981. p. 3143.

¹⁹ *Ibidem*.

interesse da iconicidade, nesse contexto, é respaldar a *adesão ao imaginário*, expressão cunhada por Lacan para definir “um modo de organização transativista ou especular do ego. No jargão psiquiátrico, o transativismo refere-se ao comportamento tipicamente infantil em que o sujeito atribui ou transmite, de maneira reflexiva e intercambiável, aquilo que ele vivencia a outra pessoa”. A predominância da iconização na interpretação do psicótico estaria na base dessa projeção dos sentimentos internos, não reconhecidos pelo sujeito como próprios, em elementos externos, objetivos ou subjetivos, ao menor traço de similaridade. A esse processo de projeção, o autor do artigo chama *interpretação enunciativa mimética*. Segundo Lapesqueur, essa interpretação especular do sujeito psicótico tende a relegar ao enunciatário o lugar de antagonista, uma vez que são projetados nele os sentimentos não assimilados, dificultando a interação entre terapeuta e paciente. Como estratégia terapêutica, propõe entificar uma instância de autoridade externa ao par analítico, retirando, assim, a carga disfórica do terapeuta e propiciando ao paciente um lugar de fala não policiado.


Além de um convite ao reexame da fronteira entre Semiótica e Psicanálise aos semioticistas e psicanalistas que se dedicam a essa interface, este dossiê reúne contribuições teóricas e metodológicas que podem interessar a semioticistas que não se dedicam à mesma abordagem interdisciplinar, pois carregam informações ou métodos que nos ensinam sobre nossa episteme, nossa teoria, nossa metodologia, nossos objetivos, nosso vasto objeto: o texto. O convite a esse reexame é estendido, então, a todos os semioticistas, em um esforço por reduzir as fronteiras que, eventualmente, e mesmo contingencialmente, se colocam no interior de nossa disciplina.

A seção *Varia*, por sua vez, é constituída por dois artigos. O primeiro, “Duas concepções de enunciação”, é de José Luiz Fiorin (USP), que apresenta as razões epistemológicas que levaram Greimas a dar à enunciação um lugar específico no percurso gerativo de sentido, procurando mostrar o alcance do conceito greimasiano de enunciação, baseado nas categorias e operações compreendidas por ele. Nesse artigo, o autor menciona ainda as modificações aportadas a tal conceito com a proposta trazida pela semiótica tensiva, para, a partir daí, discutir a possibilidade ou não de conciliar os dois modelos.

O segundo texto, “Um olhar semiótico sobre livros didáticos para o ensino de língua materna no Brasil e na França”, é de Luciano Magnoni Tocaia (UFMG) e Glaucia Muniz Proença (UFMG), com uma análise linguístico-discursiva feita a partir do cotejo entre dois livros didáticos para o ensino de língua materna, dentre os mais vendidos e adotados, na atualidade, pelas escolas em seus respectivos contextos de ensino de língua materna: *Fleurs d'Encre* (3^o), para o ensino de Língua Francesa, e *Português Linguagens* (9^o ano), para o ensino de Língua Portuguesa. O estudo dos autores, pautado pelo quadro teórico-metodológico proposto pela Semiótica Discursiva, propõe observar as práticas

didáticas relativas ao ensino de leitura, análise linguística e produção de texto, pelo exame, em um primeiro momento, dos procedimentos de instauração de pessoas e tempos no enunciado didático dos livros em exame, bem como, na sequência, dos procedimentos de tematização e figurativização dos livros selecionados.

Nesta época difícil de confinamento forçado – para colaborar com a proteção de todos – e de incertezas e tantas tristezas, nosso desejo é o de uma boa e inspiradora leitura para animar a mente e, assim, aliviar as dores. ●

 **Interdisciplinaridade entre Semiótica e Psicanálise.
Desenvolvimentos e reflexões**

 SOUZA, Paula Martins de

Como citar este artigo

SOUZA, Paula Martins de. Interdisciplinaridade entre Semiótica e Psicanálise. Desenvolvimentos e reflexões. *Estudos Semióticos* [on-line]. Volume 16, número 1. Dossiê temático “Semiótica e Psicanálise”. São Paulo, julho de 2020, p. i-ix. Disponível em: <www.revistas.usp.br/esse>. Acesso em: dia/mês/ano.

How to cite this paper

SOUZA, Paula Martins de. Interdisciplinaridade entre Semiótica e Psicanálise. Desenvolvimentos e reflexões. *Estudos Semióticos* [online]. Vol. 16.1. Thematic issue: Semiotics and Psychoanalysis. São Paulo, July 2020, p. i-ix. Retrieved from: <www.revistas.usp.br/esse>. Accessed: year/month/day.

Este trabalho está disponível sob uma Licença Creative Commons CC BY-NC-SA 4.0.
This work is licensed under a Creative Commons License CC BY-NC-SA 4.0.

